

MERCADO MUNDIAL DE PRODUTOS PARA ALIMENTAÇÃO ANIMAL E A INSERÇÃO DO BRASIL¹

Sebastião Nogueira Junior²

1 - INTRODUÇÃO

Apesar do progressivo avanço da gripe aviária, também conhecida como *Influenza aviária* (IA), *avian flu* ou *bird flu*, que vem desde o final da década passada causando danos à avicultura mundial, em especial nos países asiáticos, o mercado mundial de rações, por força da demanda derivada de proteínas (leia-se carnes), tem mostrado avanços, embora prevaleça a incerteza quanto ao futuro próximo em razão dessa moléstia viral. Os prejuízos foram grandes para todo o complexo protéico-animal (ração/carnes) em razão da epidemia que já se propagou também em alguns países da África e da Europa, e que tem a cepa H5N1 como agente patogênico. Este fato vem provocando a eliminação de milhões de aves e já causou a morte de mais de uma centena de seres humanos. Atualmente cerca de 40 países já foram atingidos.

Provavelmente nenhum segmento produtivo agrícola já sofreu efeito tão devastador quanto a avicultura da Ásia, por conta dessa doença que tem exigido a necessidade de mudança dessa atividade, exploração de longa tradição no Continente, onde impera a pequena exploração que nem sempre atende aos padrões nutricionais e sanitários estabelecidos.

Em razão do tipo de exploração feita tradicionalmente com a entrega de aves a produtores de maior porte ou a companhias de integração será difícil promover a tão desejada reconversão para outras atividades agro-comerciais. De certa forma, por força da epidemia, os que permaneceram na avicultura passaram a se preocupar mais com as questões sanitárias, com a aceleração na concentração e integração, de modo a utilizar tecnologia adequada para enfrentar

os desafios da doença. Assim serão necessários cada vez mais esforços para que os agricultores se profissionalizem, visando atender aos requisitos sanitários e consolidar a exploração.

Nos principais produtores mundiais de ração houve avanços em razão de menores custos, em decorrência da grande oferta de matérias-primas e da recuperação econômica em vários países. Atualmente estima-se que a ração no Mundo tenha a seguinte distribuição: 40% para aves; 32% para suínos; 16% para pecuária de leite; 6% para pecuária de corte; aquicultura, 4%; e 2% para os demais segmentos.

A aquicultura tem apresentado expressivo crescimento (7% a.a.), sobretudo devido às criações de elevado valor, caso do camarão e do salmão que utilizam ração seca de alta tecnologia na alimentação de larvas e filhotes. No Brasil, além da aquicultura, o segmento de *pet food* também tem se destacado.

2 - PRINCIPAIS SEGMENTOS DE CONSUMO E OFERTA DE INGREDIENTES

Por ser altamente patogênica a IA continuou a direcionar o comportamento do mercado avícola em 2005, com efeitos danosos sobre o consumo. Outras criações, como as de bovinos, sofreram efeito semelhante, embora em menores proporções, mesmo levando em conta o aparecimento da doença da "vaca louca". No Canadá e nos Estados Unidos, em anos recentes por conta da incidência dessa moléstia, seus mercados domésticos de carne bovina foram pouco afetados, enquanto nas exportações houve sérios prejuízos.

Devido ao tipo de criação a crise na pecuária da América do Norte afetou sobremaneira a produção de ração mais do que em outros países, onde prevalece o "boi de capim", próprio das criações extensivas de gado *vacum*, casos de Brasil, Argentina, Austrália e Nova Zelândia.

Em muitos países da Ásia a mudança de atividades, por exemplo, de aves para suínos, foi uma prática adotada por grandes integradores

¹As análises referentes ao mercado internacional de ração foram baseadas em GILL, C. Word feed panorama: feed more profitable, but disease breeds uncertainty. **Feed International**, Mount Morris, v. 27, n. 1, p. 5-12, Jan. 2006. Registrado no CCTC, IE-33/2006.

²Engenheiro Agrônomo, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

para contornar a crise surgida com a cepa H5N1. Assim, o surgimento do vírus tem incentivado outros ramos produtivos como a suinocultura industrial na China, cuja produção passou de 42 milhões de toneladas em 2001 para 49 milhões de toneladas em 2005.

Para efeito de comparação, para 2006 está previsto um acréscimo de dois milhões de toneladas na oferta de carne suína chinesa, valor correspondente à produção canadense. As rações para suínos correspondem a 1/3 do total produzido na Unidade Européia (EU-25), onde a produção de carne de porco somou 20,7 milhões de toneladas em 2005. Nos Estados Unidos a evolução da suinocultura é notória e grande parte destina-se ao exterior, tendo o Japão como principal comprador. Também no Brasil a exploração ganha destaque tanto pelas vendas externas, que vem apresentando bom ritmo de evolução, como pela substituição da carne bovina em razão da incidência da febre aftosa em algumas Unidades da Federação.

A produção global de leite fluido tem crescido 1,5% ao ano. Os cinco maiores produtores mundiais (top 5) foram, em milhão de toneladas: EU-25 (131,7); Estados Unidos (79,6); Índia (38,5); Rússia (32,0) e Brasil (24,0). A China tem evoluído espetacularmente e espera-se que dentro em breve supere o Brasil. Embora a indústria de ração chinesa tenha como foco os segmentos avícola, suínica e aquícultura, a evolução da produção de leite foi extraordinária no último quinquênio, ao passar de 8,3 milhões de toneladas em 2000 para 23,7 milhões de toneladas em 2005, portanto, com um crescimento médio de 7% ao ano.

Tal resultado foi reflexo do aumento da renda; da melhoria da qualidade; da eficiência da logística, incluindo refrigeração; diversificação de derivados e “rápido” crescimento da população. O melhoramento genético e nutrição adequada têm possibilitado uma oferta capaz de atender ao consumo urbano. Hoje o manejo baseado numa alimentação segura ministrada rotineiramente aos rebanhos pode ser comparado ao praticado em outras partes do Mundo. Quanto à disponibilidade de ingredientes cabe ressaltar que a safra de milho estadunidense de 2005 foi significativamente maior - segundo recorde histórico - com acréscimo de 5,0 milhões de toneladas, fazendo com que a produção mundial atingisse 667,0 milhões de toneladas! Mesmo com grande parte do cereal destinado à fabricação de etanol naquele país,

houve aumento no *carry over* mundial de grãos forrageiros também em razão de boas colheitas na China, Canadá, Austrália entre outros. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) projetou a produção mundial de oleaginosas para 2005-2006 em 387,0 milhões de toneladas, com aumentos previstos para canola, girassol, soja e diminuição para o algodão. No Brasil a estimativa é de 19,9% de quebra na produção dessa fibra. O Canadá deve ter um recorde na produção de canola com 9,6 milhões de toneladas, enquanto a safra de girassol foi favorável na Ucrânia³.

Esta cifra, somada às produções estadunidense, brasileira e argentina de soja, tem propiciado matérias-primas suficientes para o pleno abastecimento mundial dos mais representativos ingredientes utilizados na formulação de rações para animais.

O crescimento econômico que vem ocorrendo na China, Índia e em outros países emergentes continua a pressionar a demanda por proteína animal e por extensão também a demanda por grãos forrageiros. Mostra disso é que a partir de 2004/05 o consumo mundial desses grãos tem ultrapassado a produção com a correspondente redução nos estoques de passagem que poderão chegar em 2006/07 aos mais baixos níveis dos últimos 25 anos⁴.

Ao que tudo indica, no curto prazo, pelo menos, não haverá problemas de abastecimento quanto às principais matérias-primas para a alimentação animal.

3 - PRODUÇÃO MUNDIAL DE RAÇÃO E DESEMPENHO REGIONAL

Mesmo com os problemas de ordem sanitária, a produção mundial de ração em 2005, que atingiu 626 milhões de toneladas, foi 2% superior à do ano precedente, graças ao desempenho positivo dos países mais representativos.

Os dez principais produtores mundiais (top 10) em 2005 foram, por ordem decrescente: Estados Unidos, União Européia (UE - 25), China, Brasil, México, Japão, Canadá, Rússia, Coreia do Sul e Índia. A UE embora se constitua

³GILL, C. (2006), op. cit nota 1.

⁴USDA. **FAS. Grain**: word market and trade. Tightening 2006/2007 global grain supplies to boost prices. Washington, May 2006. 54 p. (Circular Series, FG05-06).

num bloco econômico que engloba 25 países, aqui foi considerada individualmente de acordo com o critério adotado por Gill (2006)⁵ (Tabela 1).

Entre os dez principais produtores (*top 10*), o Brasil apresentou o maior aumento relativo no quinquênio, ou seja, 30,1% entre 2000 e 2005 e 7,8% em 2005 comparado ao ano precedente. A segunda melhor *performance* foi a da China, que cresceu 27,6%, nos últimos cinco anos, seguida do México com 20,6%.

Desse rol, houve retração no total produzido apenas no Japão (- 4,1%) e na Coréia do Sul (-3,8%). Na UE-25, no período considerado, houve um crescimento harmônico por parte de seus integrantes, mas mesmo assim, a produção conjunta de 141 milhões de toneladas foi superada pela dos Estados Unidos (150 milhões de toneladas), maior produtor mundial.

Considerando a Europa-25 como um *player* individual junto com os outros nove principais países produtores de ração que assim compõem o chamado *top 10* do setor, observa-se forte concentração, pois respondem por 83% do volume global. Em conjunto Estados Unidos, UE-25 e China produzem a metade da ração animal mundial.

A tendência que se observa é de redução nos países desenvolvidos - caso dos Estados Unidos, EU-25, Japão e Canadá e crescimento na China, Brasil e México.

De acordo com o critério também adotado por Gill (2006)⁶, a produção mundial de ração está geograficamente dividida em seis regiões: a) Ásia - Pacífico; b) Europa-25; c) Europa Ocidental (não 25); d) Oriente Médio e África; e) Américas do Norte e Central e Caribe; f) América do Sul.

Muito do desenvolvimento do setor de rações ocorreu no eixo Ásia - Pacífico. Assim, em 2005 mesmo com a incidência da IA que provocou rupturas na atividade criatória regional, a produção desse insumo continuou crescendo, em razão da maior oferta de carne avícola decorrente do extraordinário e elevado crescimento da economia chinesa, fato que vem ocorrendo há cerca de vinte anos. As estimativas para 2005 apontavam uma produção de 73 milhões de toneladas. Este valor é bastante conservador quando confrontado com o número da Associação Chinesa

de Ração que chega a 103 milhões de toneladas! Isso mostra que a questão da fidedignidade das estatísticas é uma questão universal.

A produção dos *top 10* na região em 2005 totalizou 157 milhões de toneladas, mesmo com a incidência da IA, portanto com leve acréscimo em relação ao ano transato, graças à reconstituição dos plantéis de aves. O crescimento médio anual regional de ração foi de 3,0% no último quinquênio. Em ordem de importância após a China aparece o Japão com 23,0 milhões de toneladas.

Mesmo com a proibição de importação de carne dos Estados Unidos e do Canadá, em razão da doença da “vaca louca”, o contingente de animais do Japão continuou a cair e, em consequência, também a oferta de ração. O país diversificou suas fontes de aquisição, passando a comprar carne bovina da Austrália, que, por sua vez, aumentou a sua produção do insumo. O terceiro colocado do Bloco, a Coréia do Sul, mostrou mudanças no padrão produtivo de carnes e, portanto, também no de rações, com surtos alternados de aumento/queda de produção. Por exemplo, em 1997, 32% do parque industrial de ração era destinado a insumos para suínos; 24% para aves de corte e 41% para gado de leite e corte. Para 2005, a destinação foi de 37%, 26% e 32%, respectivamente. Entretanto a produção caiu para 14,7 milhões de toneladas em 2004, contra 15,6 milhões de toneladas produzidas em 2003 e 15,6 milhões de toneladas em 2002.

A Europa-25 não tem apresentado grandes mudanças na sua indústria de ração, embora com tendência crescente no longo prazo. Apenas a Espanha tem se destacado com taxa de crescimento de 4,5% em razão da expansão de produções integradas de suínos e aves. Os dez principais produtores regionais de ração totalizaram 116,6 milhões de toneladas em 2005, ou seja, 3% menos que em 2004. Houve redução anual de 1% nos últimos cinco anos. A França é o principal produtor com 21,1 milhões de toneladas, seguido da Espanha com 19,6 milhões de toneladas.

No restante da Europa (fora os 25), o mercado expandiu até 2005, especialmente na Rússia, com a adequação da oferta de grãos, expansão da economia e investimentos externos e maiores avanços tecnológicos na elaboração de rações. Da produção de 36,0 milhões de tone-

⁵Op. cit. nota 1.

⁶idem nota 5.

TABELA 1 - Principais Países Produtores de Ração em 2005 e Evolução Percentual da Produção, 2005/04 e 2005/2000

País	Produção em 2005 (milhão de t)	2005/2004 (%)	2005/2000 (%)
Estados Unidos	150,2	+ 2,0	+ 5,7
UE-25	141,0	- 0,5	+ 0,2
China	72,7	+ 5,0	+ 27,6
Brasil	47,2	+ 7,8	+ 30,1
México	24,3	+ 2,5	+ 20,6
Japão	23,0	- 3,2	- 4,1
Canadá	22,4	+ 1,3	+ 10,3
Rússia	17,3	+ 4,9	+ 16,2
Coréia do Sul	14,3	- 2,8	- 3,8
Índia	9,6	+ 5,2	+ 14,6

Fonte: Adaptada a partir de GILL, C. Word feed panorama: feed more profitable, but disease breeds uncertainty. **Feed International**, Mount Morris, v. 27, n. 1, p. 5-12, Jan. 2006.

ladas da região, a Rússia respondeu pela metade da produção total. A migração de alguns países para a EU-25 afetou o *market share* do Bloco, que teve pequeno crescimento nos últimos cinco anos.

No Oriente Médio e África, onde a produção atingiu 27,6 milhões de toneladas, houve crescimento anual de 3% nos últimos cinco anos, devido à expansão no Norte da África e na Arábia Saudita, país que apresentou avanços na avicultura de corte e pecuária de leite. O principal país produtor é a África do Sul com 8,0 milhões de toneladas, vindo a seguir a Arábia Saudita (5,1 milhões de toneladas).

Na região que engloba as América do Norte e Central e Caribe, os Estados Unidos se destacam, pois ocupam o posto de maior produtor de ração do Mundo, cujo desempenho está vinculado em grande parte à exportação de carnes. Aliás, este é o seu grande desafio, pois após o surgimento da doença da “vaca louca” no país em 2003, o Japão restringiu as compras da carne estadunidense, afetando também a produção de ração.

O México cresceu em média 6% nos últimos cinco anos em função de expansão das produções de frango e leite. A produção de ração do Bloco foi de 204,7 milhões de toneladas, das quais 150,2 milhões de toneladas se referem aos Estados Unidos, seguidos de México (24,3 milhões de toneladas) e Canadá (22,4 milhões de toneladas).

Na América do Sul, o Brasil é o principal produtor desse alimento animal, respondendo praticamente pela metade do volume regional com grande vinculação ao mercado externo de

carnes - a bovina explorada em pastagens e, portanto, consumindo pouca ração, mas que tem grande competitividade no mercado mundial, enquanto as de aves e de suínos apresentam baixos custos de produção e têm no milho e na soja (farelo) os principais ingredientes e que participam com 80% na formulação das suas rações.

O Brasil ocupa atualmente o terceiro lugar na produção mundial de frangos e a quinta na de suínos, e se constitui no principal exportador de carnes avícola e bovina. A Argentina, por sua vez, tem emergido e seguido os passos do Brasil, sobretudo na exploração de aves de corte. A produção do insumo brasileiro atingiu 47,2 milhões de toneladas em 2005, vindo a seguir a Argentina com 5,9 milhões de toneladas.

4 - SEGURANÇA ALIMENTAR - uma preocupação global

Além dos alimentos contaminados por dioxina, salmonela, promotores de crescimento, etc., a incidência de doenças como o mal da “vaca louca”, febre aftosa e gripe aviária têm afetado sistematicamente o complexo protéico-animal. Assim, dada a preocupação dos agentes mundiais da cadeia produtiva de ração, foi realizado em 2005 na cidade de São Paulo o Congresso Global Feed e Food, promovido pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), Federação Internacional da Indústria de Ração (IFIF) e Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (SINDIRAÇÕES), tendo como foco a segurança alimentar, de ingredientes e de produtos finais. Participaram do evento repre-

sentantes de mais de 30 países.

Questões como hormônios, antibióticos, bem-estar animal e biotecnologia foram exaustivamente discutidos dentro do preceito fundamental “ração sadia para um alimento sadio”, ao se considerar que a ração é um componente essencial entre a cadeia produtiva animal e o consumidor humano.

Nesse sentido foi promulgado recentemente pela ONU o *Codex Alimentarius* que estabelece as “Boas Práticas de Fabricação” a ser utilizado pela Organização Mundial do Comércio (OMC) na arbitragem de alimentos para animais tanto *in natura*, por exemplo cereais/oleaginosas, rações preparadas e gêneros alimentícios. Assim, o *Codex* passará a afetar diretamente os agentes envolvidos na produção de ração para exportar ou aqueles cujos produtos finais são destinados ao exterior.

A FAO está elaborando um Manual para orientar os segmentos produtores de alimentos em geral (para animais e seres humanos) visando oferecer segurança aos consumidores em qualquer parte do mundo. Esse procedimento também tem como objetivo nivelar os países em termos de padrões de segurança, dada a disparidade e heterogeneidade hoje existente, embora sem a pretensão de ser exclusivamente correto, a ponto de invalidar costumes locais e ainda restringir o uso de novas tecnologias.

5 - GRIPE AVIÁRIA E FEBRE AFTOSA - um capítulo à parte

Em 2004, tanto pequenos avicultores como grandes integradores asiáticos tiveram prejuízos elevados com o sacrifício de aves contaminadas a ponto de abandonarem, temporariamente, a atividade. Já em 2005, muitas das áreas atingidas na Tailândia, Malásia, Indonésia e Vietnã, entre outras voltaram a produzir aves com as devidas precauções, sobretudo por parte das integradoras. Assim, por exemplo, na Tailândia a IA foi considerada como risco e não como desastre, aliás, fato bastante lembrado na região (leia-se *tsunami*).

Foram adotados vários mecanismos de prevenção: melhoramento genético, nutrição, ambiência, processamento, conservação e distribuição, porém a vacinação foi recusada para não comprometer as futuras exportações de aves e

derivados, como aconteceu com a China. Como precaução foram incrementadas as vendas de carnes cozidas e promovidas fortes campanhas de *marketing*.

A Tailândia perdeu sua condição de grande fornecedor continental e também da Europa, com quedas de 60% nos seus embarques!

Só recentemente o Japão voltou a comprar da China, mas só de carne processada. O recesso no mercado comprador fez com que esse país tivesse redução de 20% nas suas vendas.

Com a migração do vírus para várias regiões, como Sibéria, Ásia Central, África e Europa, tanto Oriental como Ocidental, ocorreu um correlato recuo no consumo de ração, em muitos países, sobretudo na Itália e na Inglaterra, embora se saiba que o cozimento elimine os efeitos danosos do vírus.

A IA é, no momento, a grande questão mundial não só na área de segurança alimentar, mas sobretudo de saúde humana dada a ocorrência de mortes, embora em pequeno número relativamente ao contingente populacional mundial, mas muito preocupante dada a possibilidade de sua ampliação, e ainda da possibilidade de surgimento de alguma cepa que seja transmitida entre humanos, diferentemente da forma ora vigente que é transmitida por contato do homem com animais infectados.

Em âmbito mundial os esforços têm sido heterogêneos, pois enquanto alguns países ricos montam todo um aparato de prevenção e combate, os países pobres ficam à mercê da ajuda de organismos internacionais, nem sempre tão ágeis como apregoam ser e isso pode comprometer as ações necessárias para conter a disseminação da doença.

No caso do Brasil, está previsto que no curto prazo o Instituto Butantã poderá começar a produzir as primeiras doses da vacina contra o vírus da gripe aviária, o H5N1, a partir de cepas já enviadas pela OMS. O cientista Isaias Raw, Presidente da Fundação Butantã, não acredita na ocorrência da gripe aviária no Brasil por efeito de uma pandemia “isto é apenas uma suposição até porque estamos no fim da cadeia de migração das aves, que tem início no Extremo Oriente” (sic)⁷.

Por outro lado, a questão da possibilidade da transmissão do vírus entre seres huma-

⁷PREVENIR antes de remediar. **Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n. 120, p. 28, fev. 2006.

nos parece factível, conforme estudo que analisou uma seleção de 32 artigos originais abordando os surtos recentes de infecção pelo H5N1, em criações de aves domésticas na Ásia, que resultaram em importantes prejuízos econômicos e repercussões em saúde pública. Este estudo aponta que a maioria dos casos está associada à exposição direta a aves infectadas ou superfícies contaminadas com excrementos desses animais, porém foi levantada a possibilidade de transmissão entre humanos⁸.

Este é o fato preocupante que pode provocar uma reviravolta no complexo protéico-animal. E no Brasil, caso seja atingido, ocorrerão efeitos indesejáveis nas cadeias produtivas de carnes, principalmente na avícola e, por conseguinte na ração (grãos) que tem neste segmento seu principal consumidor. Suínos e bovinos também sofrerão restrições, pela possibilidade de funcionarem como veículos de transmissão, agravante que poderá ainda ser estendido a outros componentes do agronegócio, grãos e fibras, por exemplo, que são exportados *in natura*. Recentemente foi realizado pelo MAPA um minucioso estudo soroepidemiológico dos plantéis para verificar a possível presença da gripe aviária em 14 estados da Federação, mas não foi constatada a presença do vírus⁹.

O Ministério acaba de anunciar o "Plano Nacional de Prevenção da Influenza Aviária e de Controle e Prevenção da Doença de Newcastle" - Instrução Normativa 17, de 07/04/2006, para promover ações direcionadas à defesa sanitária animal, visando ao fortalecimento do sistema de atenção veterinária e à implementação do Programa Nacional de Sanidade Avícola (PNSA), em todo o território nacional. Por outro lado, a dotação para as ações de defesa vegetal e animal foi de apenas R\$142,8 milhões, o que significa redução de 40% em relação a do ano anterior.

Para efeito de comparação, os Estados Unidos delinearam em março de 2006 um programa de prevenção e contenção - se necessário for - com um aporte de US\$3,3 bilhões, o que mostra o nível de preocupação das autoridades constituídas daquele país. Só para a fabricação de vacinas está prevista uma dotação superior a

⁸IBIAPINA, C. da C.; COSTA, G. A.; FARIA, A. C. Influenza aviária (H5N1). *J. Brás. Pneumologia*, v. 31, n. 5, p. 436-444, 2005.

⁹BEZERRA, J. A. Um olho no céu, outro na granja. *Globo Rural*, São Paulo, n. 246, p. 60-65, abr. 2006.

US\$ 1 bilhão!

A febre aftosa, por sua vez, é uma doença globalizada que causa severas perdas econômicas por atingir clinicamente bovinos e suínos, limitando o acesso aos mercados internacionais de carnes. A febre é de difícil erradicação e exige um esforço conjunto de países para que haja eficácia nas ações.

Este é um exemplo que pode ser aplicado ao Brasil, pois a doença grassa em países limítrofes, caso da Bolívia e Paraguai, onde questões de ordem financeira inibem um combate eficiente. Aqui não tem havido uma constância e a amplitude da vacinação tem sido parcial, o que provoca surtos periódicos em regiões diversas do País.

Na América do Sul, apenas o Chile (sem vacinação) e a Argentina (com vacinação) estão livres desse mal¹⁰. Assim, a busca de sua erradicação deveria ser uma prioridade regional já que sua incidência causa prejuízos consideráveis aos países que têm significativa presença no mercado internacional de bovinos e suínos.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS

A despeito da expansão geográfica da IA as perspectivas mundiais são favoráveis ao mercado de ração animal. Isso decorre em razão da procura por proteína animal, que tem aumentado progressivamente; das possibilidades de produção em diversas regiões do globo e facilidades de transferências físicas. Além disso, o efeito substituição entre as carnes é forte, mas sempre resultará em necessidade de ração com as devidas variações, dependendo da criação desejada.

O USDA prevê crescimento mundial de 4% para a carne de frango em 2006, com prováveis avanços no Brasil, China, Estados Unidos e Índia. Nos Estados Unidos, a produção de frangos (carne) poderá chegar a 15,8 milhões de toneladas, enquanto no Brasil a expectativa é de uma oferta 5,0% superior totalizando 9,0 milhões de toneladas. A China poderá ter acréscimo de 1,0 milhão na sua produção. Estes dados são significativos, pois estes países são os três maiores do *ranking* mundial.

A marca conseguida pelo Brasil de

¹⁰FEBRE aftosa. Disponível em: <www.vet.uga.edu>. Acesso em: 11 maio 2006.

maior exportador de frango (e de carne bovina, também) e com forte presença nas vendas externas de suínos mostra que essa *performance* foi alcançada graças ao melhoramento genético, manejo e disponibilidade de ingredientes, sobretudo de milho e soja, que têm permitido produzir animais a preços competitivos, pois representam 80% do total dos ingredientes utilizados na formulação de rações. Frangos e suínos respondem por cerca de 75% do total do consumo desse insumo no País.

Para 2006, segundo o SINDIRAÇÕES, tanto a avicultura como a suinocultura deverão crescer em ritmo mais moderado. Com isso o setor deverá avançar apenas 3,5%, taxa inferior às marcas registradas em 2005 (8,6%) e 2004 (6,5%).

O Continente asiático deverá ser o grande determinante de consumo de frango no mundo e os países em desenvolvimento são a esperança de produção.

Um quadro que pode favorecer o comércio de carne de aves, inclusive o Brasil, é que a Rússia que produziu no ano passado 705 mil toneladas dessa carne, praticamente teve que sacrificar metade do seu rebanho em decorrência da IA. Além do mais o país é o principal importador mundial dessa proteína, tendo adquirido 870 mil toneladas em 2005. Constitui-se também em grande produtor/consumidor de suínos e é o principal comprador dessa carne do Brasil. No momento as compras de carne suína brasileira por aquele país estão suspensas com a descoberta de focos de febre aftosa.

Para 2006 o crescimento esperado para a produção de ração na EU-25 é da ordem de

1% apenas, o que deverá incrementar as importações de carnes para atender a demanda do bloco.

O efeito do surto da gripe aviária tem sido prejudicial aos principais exportadores, caso do Brasil, onde por cancelamentos de embarques houve substancial formação de estoques com os preços internos chegando a níveis desalentadores para o setor produtivo que prontamente reduziu o contingente de aves alojadas e as indústrias já estão promovendo a dispensa de trabalhadores. Em parte a situação está contornada com o menor alojamento de pintinhos e a redução na produção de carne. Espera-se que esta seja uma medida temporária e que a atividade retorne ao ritmo de crescimento anterior.

O ritmo, a extensão do avanço da doença e o conhecimento e reconhecimento de que a carne cozida de frango inibe a contaminação pelo vírus da influenza aviária serão as grandes referências quanto ao comportamento do consumo, incluindo também carnes, ovos, penas de outros tipos de animais emplumados, como peru, pato, marreco, avestruz e codorna, etc.

O Mundo todo está atento e a Organização das Nações Unidas (ONU) delineou um programa global de monitoramento, sobretudo das rotas percorridas pelas aves migratórias, estabelecendo medidas de prevenção da atividade e ajuda para os países atingidos pela moléstia. Ações locais estão sendo postas em prática em muitos países, e continua a polêmica sobre a provável pandemia. Caso de fato ocorra, será um caos para o complexo protéico-animal e por extensão para o agronegócio mundial, com graves conseqüências sanitárias, econômicas e sociais.